

À Margem: Memórias e Tradições de Nazaré¹

Júlya Ketlyn Rodrigues TAVARES²

Jeovana Jully Rodrigues TELES³

Leylianne Alves VIEIRA⁴

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia

RESUMO

O projeto “FOTODOC – Laboratório de Fotografia Documental” busca documentar ofícios e manifestações culturais tradicionais por meio da fotografia. Este trabalho apresenta os primeiros passos da pesquisa sobre a comunidade ribeirinha Nazaré, localizada às margens do Rio Madeira. A metodologia é constituída por levantamento bibliográfico, contato com moradores e fontes oficiais, além do planejamento de uma imersão fotográfica, com foco inicial no Festival de Nazaré. O projeto busca documentar as tradições e valorizar a identidade cultural do local. A próxima etapa prevê a produção de um acervo digital e exposições para divulgação à comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia documental; memória; cultura; Festival Cultural de Nazaré; Seringandô.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “FOTODOC - Laboratório de Fotografia Documental”, realizado na Universidade Federal de Rondônia desde fevereiro de 2025, tem como objetivo geral documentar os ofícios tradicionais e disponibilizar o acervo à comunidade. Entre os objetivos específicos estão fortalecer a cultura e a memória local, divulgar informações sobre a cultura de Rondônia e desenvolver habilidades fotográficas tanto nos estudantes de Jornalismo quanto no público externo.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT11NO - Entre Arte, Educação e Comunicação: Subjetividades, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo – Universidade Federal de Rondônia (Unir). E-mail: jullyatavares183@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo – Universidade Federal de Rondônia (Unir). E-mail: Jeovanajully@gmail.com.

⁴ Docente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Doutora em Comunicação. E-mail: leylianne.alves@unir.br.

Com o objetivo de documentar a história e a memória, as discussões nos conduziram à comunidade de Nazaré, um distrito localizado a 120 km da sede administrativa de Porto Velho. A comunidade se destaca pela cultura e tradição que envolve os moradores e visitantes. No livro “Mito e identidade em Nazaré” (2020), de Simone Norberto, é realizada uma leitura sobre a comunidade ribeirinha e a presença forte da oralidade. Ao analisar os mitos contados pela comunidade que ajudam a construir e ressignificar a identidade local, a autora percebe que essas práticas criam um universo de identidade e resistência cultural.

A comunidade realiza um conhecido festival cultural há aproximadamente seis décadas, no qual mostra um pouco da cultura e das tradições presentes na história e prática da comunidade até os dias atuais. Entre elas está a dança Serigandô. Segundo Seu Nanã, um dos personagens que acompanhou a dança tradicional, ela está presente na história da comunidade desde 1966 e foi trazida para a região por outras famílias que chegavam a Nazaré.

Na primeira fase do projeto, buscamos compreender o universo de Nazaré por meio de pesquisas bibliográficas e contato com pessoas que residem naquela região, para além das buscas realizadas na internet e em mídias sociais. Em seguida, passaremos à imersão etnográfica e entrevistas em profundidade, com o objetivo de conhecer a comunidade para além das festividades. Por meio da fotodocumentação, buscaremos registrar o cotidiano, as expressões culturais e os vínculos afetivos que compõem a identidade local, destacando as faces simbólicas e sociais da comunidade que, por vezes, passam despercebidas nos registros tradicionais.

Neste trabalho, apresentamos as primeiras impressões desta pesquisa, bem como indicamos possíveis caminhos para a fotodocumentação que será iniciada nos próximos meses.

COMUNIDADE DE NAZARÉ

Localizada às margens do Rio Madeira, Nazaré reúne pouco mais de quinhentos habitantes e possui uma rica tradição oral. Como Vrech (2017, p. 114) explica, “a narrativa oral é utilizada pela comunidade de Nazaré como forma de ressignificar a identidade ribeirinha e empoderar representações locais [...]”. A herança cultural situada nesta comunidade é algo que se perpetua fortemente.

Na época em que Norberto (2020) realizou sua pesquisa, a infraestrutura da comunidade era composta por um posto de saúde, duas escolas estaduais, duas igrejas católicas e duas evangélicas, um campo desportivo com arquibancadas de madeira e um terreiro central, onde as festas eram realizadas. Apesar da presença de casas de alvenaria, grande parte delas são de madeira, feitas pelos próprios moradores com materiais coletados da mata (Norberto, 2020). Os moradores dispõem de energia elétrica por meio de fonte hidráulica e têm acesso à internet, o que facilita a comunicação e a vida cotidiana.

A pesca e a agricultura são as principais fontes de subsistência e renda. Entre os principais cultivos estão a plantação de melancia, banana e mandioca - de onde surge a produção de farinha, um dos produtos típicos da região (Norberto, 2020). A economia se movimenta ainda mais durante as celebrações culturais, que atraem moradores de outras regiões. Entre os eventos mais aguardados está o Festival de Nazaré, realizado tradicionalmente no mês de julho.

Acreditamos que documentar Nazaré é a construção de uma memória coletiva que vai além das margens. É uma tentativa de levar Nazaré ao centro do estado, devolvendo seu espaço enquanto parte da capital rondoniense, pois “a representação visual que opera na fotografia a um só tempo preserva a memória e dá estrutura ao mundo” (Barros, 2017), bem como ao registrar, protagoniza perspectivas e espaços que por vezes são marginalizados.

Norberto (2020) percebe que na comunidade a tradição oral é um forte instrumento. Mas, apesar da história oral ser rica e ser de grande importância para o processo de recuperação da memória, ela se revela vulnerável ao tempo. Já a fotografia, mesmo sendo comumente associada à representação do real, também não é totalmente confiável. Assim como a memória, ela pode distorcer e manipular a realidade. Ainda assim, a fotografia atua como relicário da memória, pois é o que permanece após deterioração dos objetos e envelhecimento das pessoas e tudo o que resta é o registro fotográfico que se materializa e imortaliza (Kossoy, 1999 *apud* Felizardo; Samain, 2007).

Essa identidade cultural é representada durante o Festival Cultural. A celebração dura dois dias e atrai moradores de outras regiões, que prestigiam as apresentações

como a do Grupo Minhas Raízes, o Boi-Bumbá Curumim e a Dança Seringandô — que só existe na comunidade.

PROSPECÇÃO DE FONTES

Nesse sentido, após o levantamento de pesquisas bibliográficas, o grupo buscou conhecer a comunidade por meio da perspectiva daqueles que a constituem. Nas buscas iniciais, contactamos representantes locais e fontes oficiais (Governo do Estado). Em contato com Tullio Nunes, um dos organizadores do evento, por exemplo, fomos convidadas a participar presencialmente e conhecer a sua história. Cabe aqui destacar que o acesso à comunidade de Nazaré é feito exclusivamente por via fluvial em uma viagem de aproximadamente 7h de duração de barco e aproximadamente 3-4h de voadeira – canoas motorizadas.

Também entramos em contato com representantes da Secretaria de Estado da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer do estado de Rondônia, a Sejucel, uma vez que a comunidade, em 2023, teve o Festival de Nazaré reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial, por intermédio daquela secretaria. Faremos entrevistas presenciais com a equipe que participou do reconhecimento e que contribui com a organização do evento.

O grupo foi, então, em busca de contatos com pessoas de outros órgãos públicos que poderiam, de algum modo, auxiliar no processo de conhecer pessoas da comunidade. Durante a busca, conseguimos contatar Thaís Passos, ribeirinha que compõe o grupo musical “Minhas Raízes” e é da terceira geração de uma das famílias tradicionais da comunidade.

Thaís Passos foi essencial na pesquisa sobre a dança Seringandô. Neta de Seu Nanã, patriarca de uma das famílias tradicionais da comunidade, ela resgatou um áudio onde seu avô explica a origem da dança, hoje reconhecida como uma das manifestações culturais singulares da comunidade. A dança, segundo Seu Nanã, está presente na história da comunidade desde 1966 e foi trazida para a região por outras famílias que chegavam a Nazaré. O patriarca explica que a dança tem origens amazônidas, de um lugar chamado Lago do Uruapiara.

Seu Nanã conta que o nome "Uruapiara" foi dado pelos portugueses quando chegaram naquela região. Segundo o que conhece da história, durante um dos primeiros

passeios, os portugueses pelas praias do lago, encontraram um "uruá" (animal parecido com um porco-do-mato) enorme — maior do que qualquer outro que já tinham visto por ali. Acharam que aquele animal era o "chefe" dos uruás, o principal. Por isso, deram ao lago o nome de Uruapiara, que significa "o lugar do grande uruá".

Nas margens desse lago vivia um povo indígena chamado Parititins, que era conhecido por ser guerreiro. Eles pescavam bastante no Rio Ipixuna, um afluente (rio menor que deságua no lago). Mais acima desse mesmo rio, estava localizada outra aldeia indígena, os Pirarês — inimigos dos Parititins. Eles viviam em guerra.

Sempre que uma dessas aldeias vencida uma batalha, eles escolhiam uma noite de lua cheia para comemorar. A principal atração da festa era a dança do Seringandô, uma mistura de ritmos africanos e indígenas. Durante a dança, era escolhida uma moça da aldeia para ser a "índia vaqueira" e um jovem para ser o "boi". Todos da aldeia se reuniam em um círculo para dançar e cantar. Tinha um ancião, que improvisava versos, enquanto todos repetiam em coro: "Arriba Seringandô!"

No meio da roda, a vaqueira tentava "laçar" o boi, que ficava correndo, tentando escapar. Depois de um tempo de dança, o "boi" cansa e cai no chão, simbolizando a vitória da aldeia.

Com o relato de Seu Nanã, resgatado por Thaís, reafirmou-se a importância de documentar o que hoje conhecemos como tradição. A incorporação de uma prática que não apenas envolve a construção cultural da comunidade de Nazaré, mas que até hoje permanece enquanto prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de aproximação com a comunidade de Nazaré revelou mais do que um território às margens do Rio Madeira: mas sim, um espaço de memória viva, de resistência cultural e da construção coletiva da identidade. Por meio da oralidade, danças, relatos e práticas cotidianas coletadas em pesquisas bibliográficas e através dos relatos dos ribeirinhos que hoje fazem parte da comunidade, obtivemos os primeiros indícios de relações que pretendemos documentar.

Por meio da fotodocumentação, das entrevistas e escutas sensíveis, o projeto busca, para além da documentação da memória coletiva e de suas manifestações culturais enquanto espaço de tradição e resistência, difundir o conhecimento e

reconhecimento da comunidade enquanto parte integrante da cultura rondoniense. O grupo buscará registrar, para além das festividades já conhecidas por alguns moradores da capital, tanto o cotidiano quanto os preparativos para o Festival e para a apresentação da dança mencionados neste trabalho.

Ainda, neste projeto, pretende-se retornar à comunidade, de modo que torne a relação recíproca. A exposição fotográfica em eventos, a divulgação em sites e também em redes sociais, das fotodocumentação e estudos realizados durante o ciclo, visa aproximar a população da região com a comunidade, bem como divulgar saberes e tradições.

REFERÊNCIAS

VRECH, Rodrigo. **Saga Beradeira: teatro e memória ribeirinha**. Revista Aluá: Revista de Cultura e Extensão, Universidade Federal de Rondônia, v. 1, n. 1, p. 110–121, 2017. ISSN 2594-4584.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205–220, 2007.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. **Galáxia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 149–164, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p149-164>.

NAPRA Nazaré. Disponível em: <https://napra.org.br/territorios-de-atuacao/rondonia/nazare/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NORBERTO, Simone. **Mito e Identidade em Nazaré – RO**: uma leitura pós-colonial das manifestações culturais de uma comunidade ribeirinha. Porto Velho: Temática Editora, 2020.